



MONOGRAFIAS

1



CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA*
(DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

PREFÁCIO

João António Marques

Presidente da Secção de História da Associação dos Arqueólogos Portugueses

São vários os aspectos da nossa vida quotidiana onde permanecem traços duradouros da cultura romana e que também são a maior prova do seu sucesso enquanto civilização.

No entanto, apesar deste convívio e fascínio de séculos, há alguns aspectos, como o seu desaparecimento enquanto entidade política e económica, que de alguma forma ainda hoje não são completamente claros.

É no último quartel do século XVIII que são iniciadas as principais teorizações historiográficas sobre a dissolução do Império Romano do Ocidente que acabaram por levantar questões sobre o processo de mudança e de transição na bacia do Mediterrâneo entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média.

Mas a arqueologia tem decisivamente contribuído na discussão desta problemática através dos dados obtidos com a investigação dos contextos arqueológicos, que concorrem para os estudos económicos relativos à circulação de bens e às dinâmicas das trocas em finais do Império.

Dos muitos e emblemáticos sítios romanos do nosso país que têm sido objecto de investigação, destaca-se no século XX os trabalhos desenvolvidos em Conimbriga, nos anos sessenta e setenta, e em S. Cucufate, anos setenta e oitenta, quer devido à natureza pioneira dos trabalhos científicos que aí se desenvolveram quer devido às publicações que daí resultaram, e que trilharam caminhos que ainda hoje são percorridos por outros investigadores.

Nas últimas duas décadas tem-se assistido à profusão de escavações arqueológicas resultantes sobretudo do que se convencionou apelar de arqueologia preventiva. Desde a segunda metade dos anos noventa do século XX que se tem escavado como nunca antes se havia escavado, recolhendo-se um palimpsesto de materiais arqueológicos e de registos que levarão muitas mais décadas a estudar e a publicar.

Caso recente bem-sucedido é o respeitante aos trabalhos de minimização arqueológica desenvolvidos entre 1998 e 2002 na Barragem de Alqueva, processo concluído em 2014 com a respectiva publicação em 13 dos 14 volumes da 2.ª Série das Memórias d'Odiana.

Mas se nestas duas últimas décadas a arqueologia preventiva suplantou os trabalhos programados dedicados à investigação, como se conseguirá recuperar esse tempo e efectuar estudo dos sítios, dos contextos, dos espólios e se poderá efectuar a sua difusão científica através de publicação sem a existência de estruturas formais de investigação que possam enquadrar e sobretudo assegurar esses estudos?

É aqui que surge a questão das condições e do paradoxo em que se processa a actual investigação científica arqueológica em Portugal.

Encontram-se estruturados centros de investigação ligados às universidades dedicados aos estudos arqueológicos e também são de forma regular concedidos apoios e bolsas para investigação. Mas os meios humanos, os investigadores, não se encontram efectivamente integrados nessas estruturas. O trabalho continua a basear-se no esforço e persistência individuais, sem que de facto as instituições de acolhimento reúnam condições que possibilitem apoiar os investigadores.

Não há assim uma visão suficientemente abrangente que conceba, para além da atribuição de bolsas, a investigação científica, situação que terá que futuramente ser revista sem preconceitos economicistas na óptica de um modelo estruturado ao nível nacional, como acontece, por exemplo, com o *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) em Espanha.

É hoje evidente o sucesso do desenvolvimento da arqueologia, situação com que nos podemos congratular, bem como da melhoria das técnicas de escavação e de registo e o incremento da investigação multidisciplinar. Este desenvolvimento teve naturalmente implicações na evolução que se tem assistido no nosso país na investigação de sítios e contextos romanos, e que se constata nos numerosos trabalhos hoje publicados e nas teses que têm vindo a ser elaboradas.

A concepção deste colóquio resultou de uma ideia inicial da Secção de História respeitante à organização de *workshops* dedicados à cerâmica romana, destinados sobretudo a estudantes e outros interessados, permitindo aos investigadores não só apresentar os seus dados assim como os próprios materiais exumados nos sítios abordados.

Surgiu nesse âmbito o convite ao José Carlos Quaresma, a quem aproveito para agradecer a disponibilidade, que conhecia desde os seus tempos de Miróbriga, sítio onde igualmente promovi, no âmbito do Programa de Valorização das Pontes Históricas do Alentejo, uma intervenção de conservação e restauro na respectiva ponte em que participou dirigindo os trabalhos arqueológicos.

A ideia inicial evoluiu para a organização de um mais abrangente colóquio onde se abordasse e problematizasse a investigação estratigráfica fazendo-se o respectivo ponto da situação da investigação de alguns sítios romanos do espaço lusitano.

Este contou com mais de uma dúzia de participações de que resultaram estas actas que se espera que sejam um contributo da Associação dos Arqueólogos Portugueses para o desenvolvimento e difusão da investigação científica e um estímulo para a organização de outras iniciativas similares.

Lisboa, Abril de 2015